RELISE

EMPREENDEDORISMO NAS COMUNIDADES QUITUNGO, GUAPORÉ E VILA PEQUERI: UMA ANÁLISE COMPARADA ENTRE 2014 E 2016[1]

Roberto Carlos Pessanha Barreto[2]

Antonio José Marinho Ribeiro[3]

Luciano Bispo dos Santos[4]

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo dar continuidade e profundidade no estudo do comportamento dos empreendedores das comunidades do Quintungo, Guaporé e Vila Pequeri no bairro de Brás de Pina – Rio de Janeiro, através de uma análise comparada entre dois períodos – primeiro semestre de 2014 com o primeiro semestre de 2016 – enfatizando o momento de crise política e econômica instalada no Brasil. Utilizamos a metodologia de pesquisa de campo exploratória e descritiva nas comunidades citadas. O conteúdo recebeu tratamento qualitativo e quantitativo por entender ser mais adequado para alcançar os objetivos pré-estabelecidos. Os resultados apontaram que a crise política e econômica não influenciou no sucesso dos negócios, apesar de uma minoria se mostrar preocupada com a situação e que além dos empreendedores solidários que se apresentaram como minoria, as três comunidades possuem características de empreendedorismo tradicional, onde a figura do empreendedor aparece como um agente de mudança, ou seja, a chave para o desenvolvimento econômico.

Palavras chave: Empreendedorismo; Comunidades; Econômica.

ABSTRACT

The present work has the objective of giving continuity and depth to the study of the behavior of the entrepreneurs of Quintungo, Guaporé and Vila Pequeri communities in the Brás de Pina - Rio de Janeiro neighborhood, through a comparative analysis between two periods - first half of 2014 to the first half of 2016 - emphasizing the moment of political and economic crisis installed in Brazil. We used the methodology of exploratory and descriptive field research in

---

[1] Recebido em 17/08/2018.
[2] Conselho Regional de Administração - RJ. robertopessanha2@gmail.com
[3] Faculdades Reunidas da ASCE. antoniomarinho2018@gmail.com
[4] Faculdades Reunidas da ASCE. lucianobispo@gmail.com

the cited communities. The content received qualitative and quantitative treatment because it was considered more adequate to reach the pre-established objectives. The results showed that the political and economic crisis did not influence the success of the business, despite the fact that a minority is worried about the situation and that besides the solidarity entrepreneurs who presented themselves as a minority, the three communities have characteristics of traditional entrepreneurship, where the figure of the entrepreneur appears as an agent of change, that is, the key to economic development.

Keywords: Entrepreneurship; Communities; Economical.

INTRODUÇÃO

No mundo contemporâneo o empreendedorismo vem sendo considerado um fomento para o desenvolvimento e crescimento econômico, geração de renda e inclusão social. Segundo Timmons (1990 apud DORNELAS, 2014, p. 7), “o empreendedorismo é uma revolução silenciosa, que será para o século XXI mais do que a revolução industrial foi para o século XX”. Essa é umas das teorias que os países se apóiam com a intenção de obterem desenvolvimento sustentável e crescimento econômico.

O presente trabalho tem como objetivo dar continuidade e profundidade no estudo do comportamento dos empreendedores das comunidades do Quintungo, Guaporé e Vila Pequeri no bairro de Brás de Pina – Rio de Janeiro, através de uma análise comparada entre dois períodos. Primeiro semestre de 2014, quando foi realizada uma pesquisa sobre os empreendedores dessas comunidades, com o primeiro semestre de 2016 onde procuramos demonstrar se o momento de crise econômica e política instalada no Brasil alterou o cenário que a pesquisa daquele ano revelou.

Aproveitamos o trabalho para estudar as características dos empreendedores com a finalidade de identificar a vertente predominante dos empreendedores daquelas comunidades, e assim, constatamos que as três comunidades possuem características de empreendedorismo tradicional.

A motivação para esse estudo nasceu após várias leituras, destacando a reportagem publicada pela revista Exame com base na pesquisa Global Entrepreneurship Monitor (GEM, 2015), onde, diz que três em cada dez brasileiros adultos entre 18 e 64 anos possuem uma empresa ou estão envolvidos com a criação de um negócio próprio. Em dez anos, a taxa total de empreendedorismo no Brasil aumentou de 23%, em 2004, para 34,5% no ano de 2015. Metade desses empreendedores abriram seus negócios há menos de três anos e meio.

A revista Exame declarou que, em um universo mundial, o Brasil se destaca com a maior taxa crescente no segmento empreendedor, quase oito pontos percentuais à frente da China, o segundo colocado, com taxa de 26,7%. O número de empreendedores entre a população adulta no país é também superior ao dos Estados Unidos (20%), Reino Unido (17%), Japão (10,5%) e França (8,1%). Entre as economias em desenvolvimento, a taxa brasileira é superior à da Índia (10,2%), África do Sul (9,6%) e Rússia (8,6%).

O jornal Folha de Londrina em publicação de fevereiro de 2016, citou que o número de empreendedores brasileiros, em idade economicamente ativa, aumentou de 34,4% em 2014 para 39,3% em 2015, chegando a 52 milhões de empreendedores. Entretanto, pela primeira vez desde 2009, houve aumento na participação de pessoas que abriram um negócio próprio por necessidade, passando de 29% para 43,5% entre os anos de 2014 e 2015, com redução dos que viram uma oportunidade no mercado, de 71% para 56,5%. Os números são do relatório do GEM 2015.

Sabemos que questões sociais e econômicas no cenário brasileiro são de limitação e dificuldades em vários pontos, potencializado pelo processo recessivo iniciado no segundo trimestre de 2014 segundo Érica Fraga em publicação na Folha de São Paulo. Não parando, no ano de 2016 chegando a queda de 3,6% na comparação com o ano de 2015, marcando o segundo ano

seguido de recessão como coloca Luís Lima também em publicação, mas dessa vez na revista Época, provando ser a recessão mais profunda desde 1930 segundo a série histórica do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Assim, surge o interesse e a importância em analisar a situação dos empreendedores nas comunidades, realizando análise comparada em série temporal nas comunidades do Guaporé, Quitungo e da Vila Pequeri no bairro de Brás de Pina – Rio de Janeiro.

O novo levantamento de dados foi realizado no primeiro semestre de 2016 e comparado com o primeiro semestre do ano de 2014. Trata-se de uma pesquisa de campo exploratória e descritiva utilizando roteiro de entrevistas semiestruturado, utilizado na primeira coleta acrescido de novas questões que consideramos relevantes para o momento desta coleta.

REFERENCIAL TEÓRICO

Empreendedorismo tradicional

No mundo contemporâneo o empreendedorismo tem sido instrumento de profundos estudos, devido curiosidades e complexidades em relação a sua definição. O conceito de empreendedorismo é bastante antigo, segundo Dornelas (2014, p. 19), a origem da palavra empreendedorismo é francesa (entrepreneur) e quer dizer “aquele que assume riscos e começa algo novo”. Afirma ainda, que “empreender pode ser definido como ato de realizar sonhos, transformar ideias em oportunidades e agir para concretizar objetivos, gerando valor para a sociedade” (DORNELAS, 2014, p. 2).

O economista Joseph Schumpeter teve grande influência sobre o desenvolvimento da teoria e prática do empreendedorismo. Em seus estudos, ele o descreve como a “máquina propulsora do desenvolvimento da economia. A inovação trazida pelo empreendedorismo permite ao sistema econômico

renovar-se e progredir constantemente". De acordo com Schumpeter "sem inovação, não há empreendedores, sem investimentos empreendedores, não há retorno de capital e o capitalismo não se propulsiona". Considerado um dos mais importantes teóricos sobre capitalismo, Schumpeter definiu o termo "destruição criativa" como um impulso fundamental para o motor do desenvolvimento econômico no mundo capitalista, e o empreendedorismo age com esse propósito. Reforça dizendo "o desenvolvimento econômico, tem três pilares: a renovação tecnológica, o crédito para novos investimentos e o empresário inovador". De acordo o autor:

> O empreendedor é o responsável pelo processo de destruição criativa, sendo o impulso fundamental que aciona e mantêm em marcha o motor capitalista, constantemente criando novos produtos, novos métodos de produção, novos mercados e, implacavelmente, sobrepondo-se aos antigos métodos eficientes e mais caros (SCHUMPETER, 1984, p. 35).

Joseph Shumpeter (1949) acrescenta ainda, o empreendedor:

> É aquele que destrói a ordem econômica existente pela introdução de novos produtos e serviços, pela criação de novas formas de organização ou pela exploração de novos recursos e materiais (SCHUMPETER, 1949 apud DORNELAS, 2014, p. 28).

No período de 1967 a 1970, K. Knight e Peter Drucker introduziram o conceito de risco, isto é, acrescentaram a ideia de que um empreendedor necessita se arriscar em um negócio. Segundo Drucker (1984), o empreendedorismo:

> É a prática; visão de mercado e evolução. "O trabalho específico do empreendedorismo é fazer os negócios de hoje serem capazes de fazer o futuro, transformando-se em um negócio diferente" [...] Empreendedorismo não é uma ciência, nem arte. É uma prática. (DRUKER, 1984, p. 25).

O empreendedorismo tem importância no desenvolvimento econômico/financeiro e social dos países, e a necessidade de cada vez mais disseminar as práticas empreendedoras.

Empreendedorismo social

O empreendedorismo social, assim como o tradicional, possui suas particularidades. O termo empreendedorismo social foi marcado por Bill Drayton ao perceber a existência de indivíduos que combinam pragmatismo, compromisso com resultados e visão de futuro para realizar profundas transformações sociais. Bill Drayton é o Fundador e CEO da Ashoka, empresa de perspectiva a fomentar uma cultura de empreendedorismo social na qual a figura do empreendedor é extremamente relevante.

A Ashoka criada 1980 é uma organização mundial, sem fins lucrativos, pioneira no campo da inovação social, trabalho e apoio aos empreendedores sociais, e acredita numa sociedade na qual todas as pessoas possam realizar seu potencial de agentes de mudanças. Acrescenta em sua página virtual que o empreendedor social, também conhecido como empreendedor comunitário, aponta tendências e traz soluções inovadoras para problemas sociais e ambientais, seja por enxergar um problema que ainda não é reconhecido pela sociedade e/ou por vê-lo por meio de uma perspectiva diferenciada. Por meio da sua atuação, ele acelera o processo de mudanças e inspira outros atores a se engajarem em torno de uma causa comum.

Resumindo, o empreendedorismo social são pessoas que querem ajudar ao próximo e criam ou se envolvem com uma organização sem fins lucrativos para cumprir determinado objetivo social: educação e saúde a quem não tem acesso, melhoria na qualidade de vida das pessoas, desenvolvimento de projetos sustentáveis, arte, cultura etc. O típico empreendedor social não aufere lucro com a iniciativa, mas pode ser modelo intermediário como funcionário ou associado (DORNELAS, 2014, p. 42).

Na visão de Alessandro Aveni (2010), o empreendedorismo social apresenta pelo menos cinco características, que o diferenciam dos outros tipos de empreendedorismo:

- É coletivo e integrado;
- Produz bens e serviços para a comunidade local e global;
- Tem o foco na busca de soluções para os problemas sociais e necessidades da comunidade;
- Sua medida de desempenho são o impacto e transformação social; e
- Visa a resgatar pessoas da situação de risco social e promovê-las, e a gerar capital social, inclusão e emancipação social.

O empreendedorismo social busca suprir necessidades sociais como educação, projetos sustentáveis, arte, cultura, entre outras, buscando promover a qualidade de vida da sociedade, sem auferir lucro.

Economia solidária

Essa forma de economia que se desenvolve no século XXI tem o cooperativismo operário como principal antecedente. O cooperativismo surgiu durante o século XIX em reação à Revolução Industrial, era uma tentativa de construir outra maneira de processar a economia, com base no trabalho associado e na distribuição equitativa do excedente adquirido e não na acumulação individual do dinheiro a partir da exploração do trabalho do outro. Entretanto, seus conceitos nem sempre foram usados com o mesmo significado e nome, seu princípio é a ideia da solidariedade em contraste com o individualismo competitivo que caracteriza a sociedade capitalista (CULTI, 2010, p. 15).

Segundo Maria Nezilda Culti (2010, p. 15) essa nova forma de economia que se desenvolve no século XXI tem o cooperativismo operário como principal antecedente. Assim:

> O cooperativismo operário surgiu durante o século XIX em reação à Revolução Industrial, era uma tentativa de construir outra maneira de processar a economia, com base no trabalho associado e na distribuição equitativa do excedente adquirido e não na acumulação

> individual do dinheiro a partir da exploração do trabalho do outro. (CULTI, 2010, p. 15).

Para Culti (2010, p. 7), no Brasil a economia solidária se expandiu a partir do trabalho realizado por organizações da sociedade civil, de igrejas, das incubadoras universitárias e dos movimentos sociais que atuam no campo e na cidade. São centenas de entidades que apóiam iniciativas associativas comunitárias e a constituição e articulação de cooperativas populares, redes de produção e comercialização, feiras de economia solidária etc. A economia solidária é um modo de organização da produção, comercialização, finanças e consumo que privilegia o trabalho associado, a cooperação e a autogestão (CULTI, 2010, p. 7).

O Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES) em sua página na internet define a economia solidária em três dimensões:

- Economicamente - é um jeito de fazer a atividade econômica de produção, oferta de serviços, comercialização, finanças ou consumo baseado na democracia e na cooperação, o que chamamos de autogestão: ou seja, na Economia Solidária não existe patrão nem empregados, pois todos os/as integrantes do empreendimento (associação, cooperativa ou grupo) são ao mesmo tempo trabalhadores e donos.
- Culturalmente - é também um jeito de estar no mundo e de consumir (em casa, em eventos ou no trabalho) produtos locais, saudáveis, da Economia Solidária, que não afetem o meio ambiente, que não tenham transgênicos e nem beneficiem grandes empresas. Neste aspecto, também simbólico e de valores, estamos falando de mudar o paradigma da competição para o da cooperação de da inteligência coletiva, livre e partilhada.
- Politicamente - é um movimento social, que luta pela mudança da sociedade, por uma forma diferente de desenvolvimento, que não seja baseado nas grandes empresas nem nos latifúndios com seus proprietários e acionistas, mas sim um desenvolvimento para as pessoas e construída pela população a

partir dos valores da solidariedade, da democracia, da cooperação, da preservação ambiental e dos direitos humanos.

A Cooperativa Central Base de Apoio ao Sistema ECOSOL no Distrito Federal é uma entidade sem fins lucrativos. Fundada em 2009, promove atividades de geração de renda, promoção social, fortalecimento das práticas e dos princípios do cooperativismo e da economia solidária, bem como, fomenta uma cultura inclusiva com repercussão numa mudança da sociedade para a percepção e respeito às questões relativas aos direitos humanos. A ECOSOL no seu site define a economia solidária num jeito diferente de produzir, vender, comprar e trocar o que é preciso para viver. Sem explorar os outros, sem querer levar vantagem, sem destruir o ambiente. Cooperando, fortalecendo o grupo, cada um pensando no bem de todos e no próprio bem.

Talvez o modo mais objetivo e resumido para definir a economia solidária seja um jeito diferente de produzir, vender, trocar o que é preciso para viver. Cooperando, fortalecendo o grupo sem patrão nem empregado, cada um pensando no bem de todos e no seu próprio bem (FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL, 2009, p. 2).

Cenário econômico brasileiro 2014 - 2016

No ano de 2014 a economia brasileira começava a declinar, segundo a publicação do Jornal do Brasil (2014) os economistas previam um ano difícil para o desempenho econômico do país, com as eleições e Copa do Mundo. Havia aumentado a apreensão em relação às contas públicas e ao desempenho da indústria. Para completar, o mercado internacional não ia nada bem. Mas todos concordavam que o ano não seria marcado por nenhuma "tragédia". No decorrer, contudo, veio a recessão técnica, e as projeções foram ficando cada vez mais pessimistas. Na reta final, o PIB deve terminar o

ano no azul, mas o cenário deixa desafios e cuidados importantes a serem tomados no próximo ano.

Seguindo neste ano, a Empresa de Pesquisas Energética enfatiza dados do IBGE que fez uma revisão metodológica nas Contas Nacionais que resultou em uma mudança na série histórica de PIB. Tais dados demonstram a ocorrência de estagnação em 2014, já que houve crescimento de apenas 0,1% em relação ao ano anterior. Pela esfera da demanda, um dos destaques foi a formação bruta de capital fixo que, após um esboço de recuperação em 2013, recuou 4,4% em 2014, impactados pela deterioração das expectativas dos agentes econômicos. Já pelo lado da oferta, o destaque foi a queda de 1,2% do PIB da indústria, enquanto os setores de serviços e agropecuária apresentaram resultados modestos (0,7% e 0,4%, respectivamente). Para 2015, as expectativas dos agentes permanecem influenciadas negativamente pelo cenário econômico deteriorado. As principais instituições do mercado que acompanham a conjuntura econômica estão projetando queda do PIB, em virtude da conjuntura internacional ainda complicada, e devido a problemas internos, como inflação acima do teto da meta, queda da produção industrial e dificuldades na implementação de ajuste fiscal.

Segundo Anay Cury e Cristiane Caoli (2015) em publicação no G1, a inflação oficial do Brasil, medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), ficou em 1,01% em novembro, depois de chegar a 0,82% no mês anterior, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). É a maior taxa para novembro desde 2002, quando atingiu 3,02%.

METODOLOGIA

Escolhemos realizar uma pesquisa de campo exploratória e descritiva, em específico nas comunidades do Quitungo, Guaporé e Vila Pequeri no bairro de Brás de Pina – Rio de Janeiro. Baseado, em referencial acadêmico de

artigos, livros e dados primários. Ao que se refere à coleta de dados, utilizamos um questionário de 16 perguntas semiestruturadas em entrevista realizada com empreendedores daquelas localidades. Buscamos confrontar teoria e dados adquiridos de forma a alcançar o objetivo desejado.

Portanto, o objetivo da pesquisa foi realizar uma análise comparada de tal modo a identificar em qual vertente as comunidades em questão se enquadram, também, tem o propósito de passar ao leitor uma reflexão teórica confrontada com dados coletados do período de 2014 e primeiro semestre de 2016.

O conteúdo recebeu tratamento qualitativo e quantitativo por entender ser mais adequado para atingir os objetivos pré-estabelecidos.

ANÁLISE DOS RESULTADOS OU DADOS

Objetivando obter dados para fundamentação da referida pesquisa, junto com um grupo de alunos voluntários das Faculdades Reunidas da ASCE (FRASCE), visitamos as comunidades do Quitungo, Guaporé e Vila Pequeri no bairro de Brás de Pina – Rio de Janeiro. Onde nos dias 02, 09 e 30 de abril de 2016 obteve-se uma amostra de 61 empreendedores entrevistados.

Baseado em informações disponíveis no site da prefeitura do Rio de Janeiro, cujos dados secundários foram extraídos de pesquisas realizadas pelo IBGE, referente ao censo 2010, as comunidades estudadas estão localizadas dentro do bairro de Brás de Pina que possui um território de 352,22 m², o bairro está em 27º no ranking populacional dos bairros da cidade do Rio de Janeiro, contendo 59.222 habitantes, sendo: 27.771 do gênero masculino e 31.451 do gênero feminino. Nesse território estão instalados 20.759 domicílios residenciais e 1.153 imóveis comerciais, sendo: 656 lojas, 259 salas e 238 de outras tipologias.

A fim de obter a resposta para o problema definido, fez-se necessário comparar dados do primeiro semestre de 2014, quando foi realizada a pesquisa do Ismael Bueno da Mota (2014) sobre os empreendedores dessas comunidades, com dados coletados no primeiro semestre do ano de 2016.

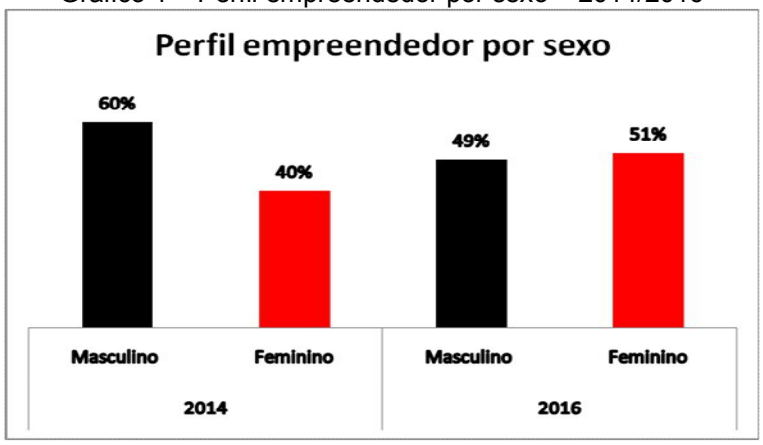
Assim procuramos analisar e avaliar se o processo de crise econômica e política instalado no Brasil influenciou na atuação dos empreendedores e na prática do empreendedorismo nas comunidades analisadas.

A amostra da pesquisa em 2014 foi de 42 entrevistas e, em 2016, 61 entrevistas, no segundo momento estudado. A coleta de dados realizada no levantamento de 2016 se deu na mesma região, negócios e empreendedores estudados em 2014.

O perfil atual dos empreendedores com base nos resultados da pesquisa são mulheres com idade entre 41 a 50 anos, portadoras do ensino médio completo, atuantes a mais de cinco anos naquelas localidades e empreendedoras por oportunidades.

Em relação à gestão do negócio são empreendedores informais que não fizeram estudos de viabilidade de mercado, também, não possuem cursos de capacitação, entretanto, utilizam instrumentos gerenciais.

Gráfico 1 – Perfil empreendedor por sexo – 2014/2016



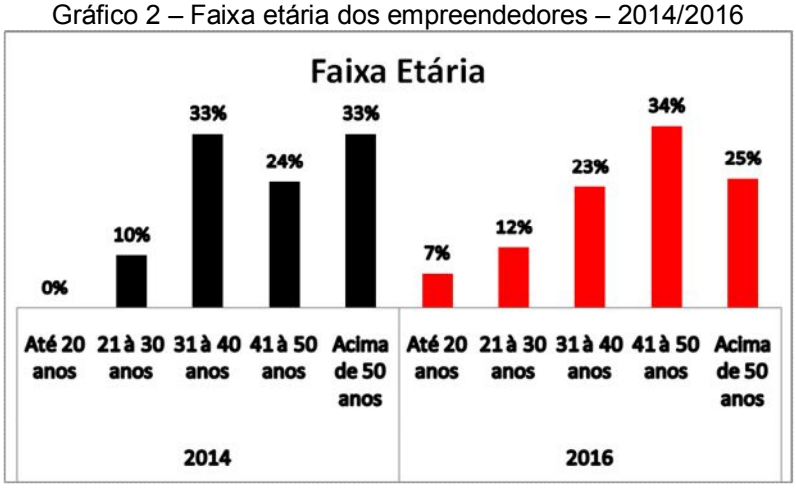
Fonte: Dados da pesquisa (2016)

O gráfico 1 refere-se ao gênero, vê-se que os homens das comunidades estudadas representaram 60% e as mulheres 40% dos entrevistados no primeiro semestre de 2014. Já no primeiro semestre de 2016, encontramos na época um cenário inverso de 51% mulheres e 49% homens empreendedores. O resultado pode representar a força e evolução do gênero feminino no cenário empreendedor.

A pesquisa de 2016 mostrou que os empreendedores do gênero feminino apresentaram, predominantemente, aumento significativo de 11% em relação ao ano de 2014, tal como, em uma diferença de 2% passaram a ser maioria nas regiões estudadas, quando naquela oportunidade (2014), o gênero masculino apareceu com 20% acima do gênero feminino.

O Censo de 2010 (IBGE, 2010) já demonstrava um aumento do gênero feminino em relação ao masculino no contexto do empreendedorismo. Isto nos levou a acreditar que a evolução de empreendimentos nos dois últimos anos tem sido impulsionada pelo gênero feminino, com maior inserção na atividade empreendedora da região, seguindo os parâmetros do IBGE (2010) quanto o número de habitantes eram na maioria do gênero feminino.

Gráfico 2 – Faixa etária dos empreendedores – 2014/2016

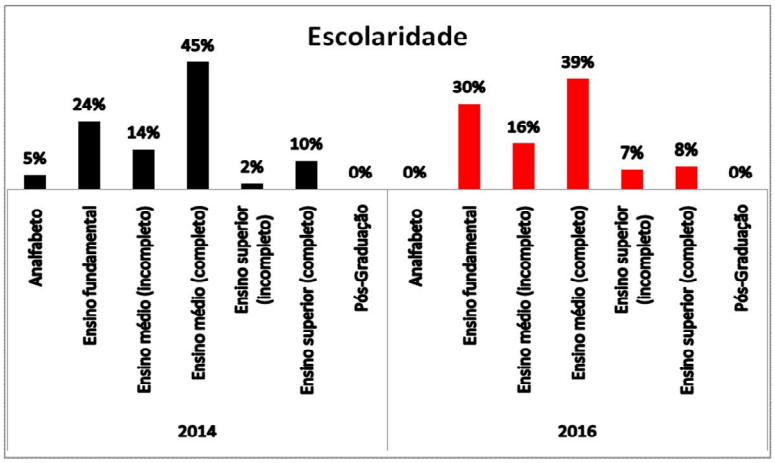


Fonte: Dados da pesquisa (2016)

Observamos no gráfico 2 que houve uma significativa alteração em relação ao ano de 2014. Em 2016, foi constatado que a predominância de empresários está concentrada na faixa etária 41 a 50 anos. Também foi observado que houve uma redução de empreendedores com idade entre 31 e 40 anos, bem como os acima de 50 anos. Outro fator de extrema relevância foi o indicador referente aos empreendedores com menos de 20 anos que a pesquisa identificou - percentual crescente de 7% para a referida faixa etária.

Como visto, existe um indicativo de que a predominância de empreendedores na faixa etária 41 a 50 anos tem relação com a taxa de desemprego, quando a mesma aumenta, o empreendedorismo tem uma tendência significativa para crescer em função da necessidade de gerar renda. Por outro lado, possivelmente, a redução de empreendedores na faixa etária de 31 a 40 anos indica que os mesmos tenham mudado de faixa etária. Com relação acima de 50 anos indicam que não houve redução dos estabelecimentos, as pessoas podem ter se aposentado e a gestão apenas sofreu alteração quanto ao gestor principal.

Gráfico 3 – Escolaridade – 2014/2016



Fonte: Dados da pesquisa (2016)

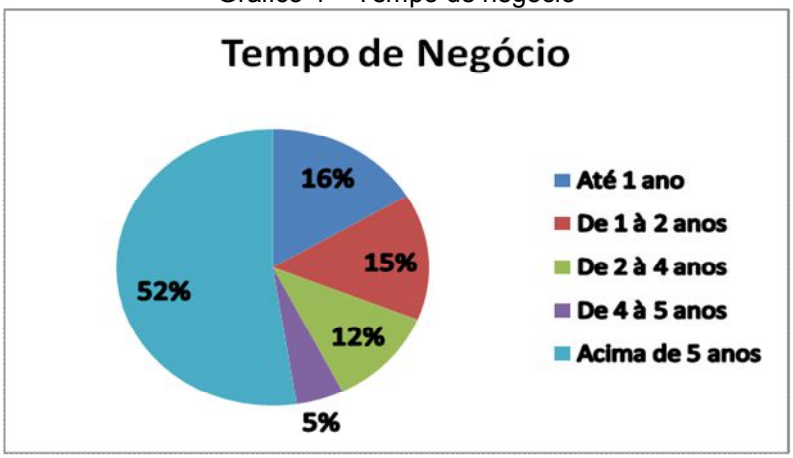
Outro indicador que a pesquisa trouxe foi a identificação de empreendedores na comunidade com idade inferior a 20 anos que pode

demonstrar que a retração do mercado de trabalho leva os jovens a empreenderem em detrimento da busca pelo primeiro emprego.

Referente à escolaridade no primeiro semestre de 2014, o gráfico 3 apresenta 45% dos entrevistados com o ensino médio completo, a seguir com 24% aparece o ensino fundamental, 14% ensino médio incompleto, 10% ensino superior completo, 5% analfabetos e 2% ensino superior incompleto. No primeiro semestre de 2016 constamos uma ligeira mudança de caso, o ensino médio completo baixou o índice para 39%, o ensino fundamental registra aumento de 6%, totalizando 30%, seguido de 16% ensino médio incompleto, 8% ensino superior completo, 7% ensino superior incompleto e nenhum caso de analfabeto. Mesmo pequena, podemos notar certa evolução na formação acadêmica dos empreendedores daquelas localidades.

Quanto aos indicadores que demonstram a escolaridade dos empreendedores, alterações em diversos níveis, o que chamou maior atenção foi o aumento significativo no ensino fundamental e a extinção de empreendedores analfabetos, quando em 2014 foram identificados com percentual de 5%. Ao analisar o aumento de empreendedores do ensino fundamental, destacamos que as prováveis causas foram a inserção de jovens empreendedores com idades inferiores há 20 anos e a redução de 5% para 0% de empreendedores analfabetos. Quanto às alterações nos indicadores podemos atribuir fatos como empreendedores que tinham ensino médio completo ingressando no ensino superior e a redução dos que cursam ensino superior pode estar relacionada aos empreendedores da faixa etária acima de 50 anos que possivelmente se aposentaram.

Gráfico 4 – Tempo de negócio



Fonte: Dados da pesquisa (2016)

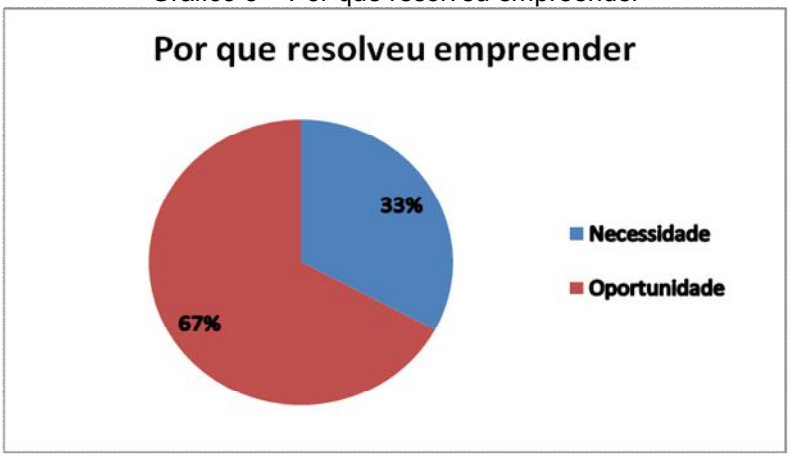
No gráfico 4 não houve apuração desse item no ano de 2014. No período de 2016 investigamos o tempo de negócio dos empreendedores nas localidades estudadas e obtemos os resultados de 52% dos empreendedores que atuavam mais de cinco anos, 16% abriram seus negócios em até um ano, 15% de um a dois anos, 12% de dois a quatro anos e 5% para os que atuavam de quatro a cinco anos. Percebe-se o alto índice para aqueles que exploravam atividades empreendedoras nessas comunidades há mais de cinco anos, alguns casos de dez e quinze anos de atividades, possivelmente, isso indica uma região comercial forte e rentável. Outro ponto importante são os dos novos empreendedores ocupando a segundo maior índice quanto a essa temática. Houve casos de empreendedores estarem atuando no tempo de três meses, e até de uma ou três semanas. Portanto, isso nos mostra que empreendedores assumem riscos, criam oportunidades em tempos difíceis e fazem acontecer.

Em relação aos empreendedores com maior tempo de empreendedorismo nas localidades estudadas, a maioria estabelecida indicou aqueles com mais de 5 anos no negócio, demonstrou que nossa pesquisa é fidedigna confrontando com a pesquisa sobre mortalidade realizada pelo

SEBRAE (2016) onde a maioria das instituições fecham suas portas com menos de cinco anos de fundada.

O segundo percentual mais agressivo apresentado no gráfico foi quanto aos negócios com menos de 1 ano, o que fortalece nossa tese já mencionada nos gráficos de faixa etária e escolaridade quanto a inserção de jovens empreendedores e empreendedores por necessidade em função a retração no mercado de trabalho.

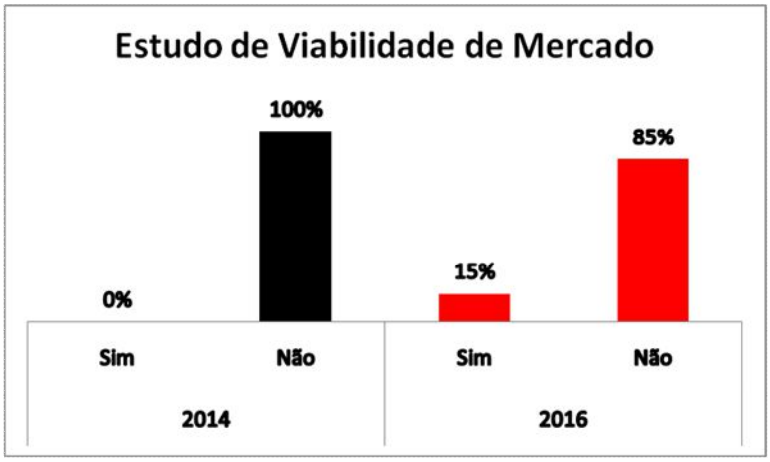
Gráfico 5 – Por que resolveu empreender



Fonte: Dados da pesquisa (2016)

Assim como no gráfico anterior, o gráfico 5 não houve apuração desse item no ano de 2014. Desde então no ano de 2016 destacamos por que os empreendedores resolveram abrir seus negócios. Chegaram à faixa de 67% os que disseram começar suas atividades por enxergar uma oportunidade e a marca de 33% para os que acreditam ser por motivos de necessidade. Ao analisarmos que mesmo sendo a minoria, empreendedores por necessidade, acreditamos que os negócios com menos de 1 ano mencionados no gráfico 4 tem uma relação substancial com esse indicador, isto é, os empreendedores com menos de um ano provavelmente abriram seus negócios por terem necessidade de gerar renda, tendo em vista o grande índice de desemprego na economia brasileira naquele ano.

Gráfico 6 – Estudo de Viabilidade de Mercado – 2014/2016



Fonte: Dados da pesquisa (2016)

No gráfico 6, em relação ao ano de 2014, com 100% verificamos que nenhum dos empreendedores fizeram estudo de viabilidade de mercado. Comprovando assim, naquela época, que os empreendedores não elaboraram sequer um plano de negócio ao abrir suas atividades. No período de 2016 prevaleceu, também, em maioria o percentual de empreendedores sem conhecer as características daquela região e traçar um planejamento estratégico para seus respectivos negócios. Porém, houve um leve crescimento de empreendedores que fizeram algum tipo de estudo ao abrir seus negócios, chegando à marca de 15%.

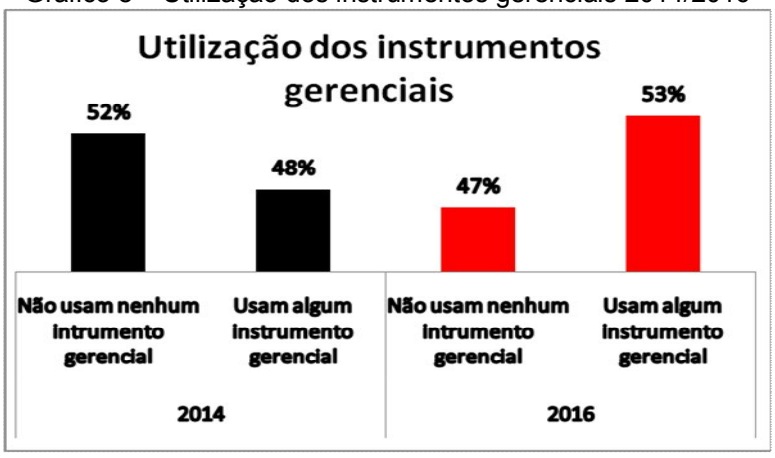
Sobre a pesquisa de viabilidade realizada demonstrou que 15% dos empreendedores entrevistados em 2016, utilizavam o planejamento para iniciarem um empreendimento. Esse tema é de grande importância para as práticas empreendedoras, e nos anima saber que os empreendedores das comunidades em questão estavam começando a ter consciência da importância de se fazer um estudo de viabilidade de mercado antes de tomar qualquer decisão para abrir seu negócio.

Gráfico 7 – Curso de capacitação – 2014/2016

Fonte: Dados da pesquisa (2016)

Para os empreendedores que buscaram capacitação ao longo desses dois anos, o gráfico 7 traduz resultados positivos para esse tema. No período de 2016 os empreendedores que buscaram algum tipo de qualificação quase dobraram em comparação com o percentual em relação ao período de 2014. Consideravelmente, esses dados, ainda, significaram pouco para a classe, devido à grande necessidade da existência de empreendedores estarem bem qualificados tecnicamente e atentos às questões mercadológicas.

Gráfico 8 – Utilização dos instrumentos gerenciais 2014/2016

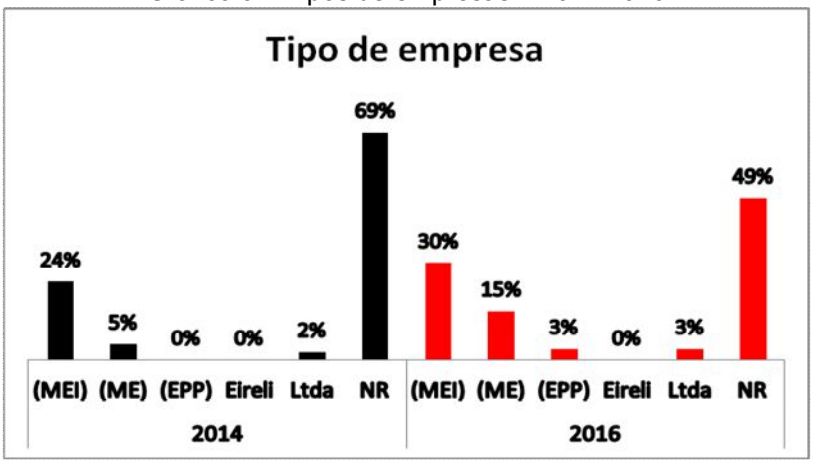


Fonte: Dados da pesquisa (2016)

No que diz respeito ao uso de instrumentos gerenciais em 2014, 52% dos entrevistados não utilisavam nenhum instrumento gerencial em suas atividades e 48% alegavam utilizar algum tipo destes instrumentos. No ano de 2016 obtivemos uma alteração nesse cenário, 47% responderam não utilizar os intrumentos e 53% declaram fazer o uso de algum tipo de instrumento ao gerir seus negócios.

Comparando os períodos 2014 e 2016 podemos perceber uma mudança radical de gestão dos estabelecimentos pesquisados, empreendedores passaram a se preocupar com algumas questões realmente importantes para sobrevivência e crescimento dos seus negócios. Digamos que o fato de esses empreendedores buscarem cada vez mais formação e capacitação, como demonstra nossa pesquisa, consequentemente resultou em uma elevação positiva para o empreendedorismo local.

Gráfico 9 – Tipos de empresas – 2014/2016



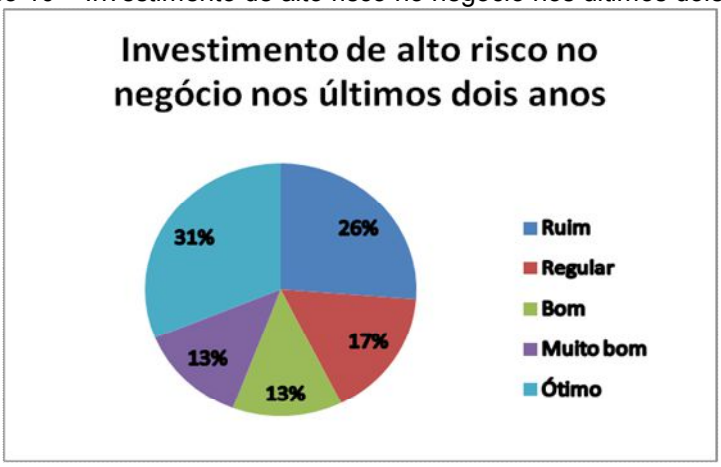
Fonte: Dados da pesquisa (2016)

Podemos analisar no gráfico 9, que em 2014 houve uma predominância de empreendedores não registrados nas comunidades estudadas, mas que houve uma queda significativa entre os períodos. Em 2014, registrou-se 69% de empreendedores sem nenhum tipo de registro, seguido de 24% de microempreendedores individuais, 5% de microempresas e

2% sociedades limitadas. Referente ao ano de 2016 observou-se, 49% dos não registrados e 51% dos empreendimentos com algum tipo de registro.

Em relação aos dados apresentados detectamos um crescimento de empreendimentos devidamente registrados em relação aos que atuavam de forma ilegal. Mostra-nos que os empreendedores têm buscado sair da informalidade o que nos remete às políticas governamentais de incentivo ao empreendedorismo no cenário nacional.

Gráfico 10 – Investimento de alto risco no negócio nos últimos dois anos



Fonte: Dados da pesquisa (2016)

Neste gráfico, observamos que 31% dos entrevistados alegaram ter sido ótimos nesta modalidade nos dois últimos anos, 26% informaram ter sido ruins nesse período, 17% regulares e 13% cada, se acharam bons ou muito bons em relação ao assunto.

Na busca de informações sobre a visão e o comportamento dos empreendedores diante a situação política e econômica no ano de 2016, resolvemos investigar alguns aspectos para aquele ano e bem atuais, que nos ajudaram a alcançar o objetivo geral da referida pesquisa. Vale ressaltar que na primeira oportunidade não foram levantadas tais informações, sendo assim, apresentaremos só dados do primeiro semestre de 2016.

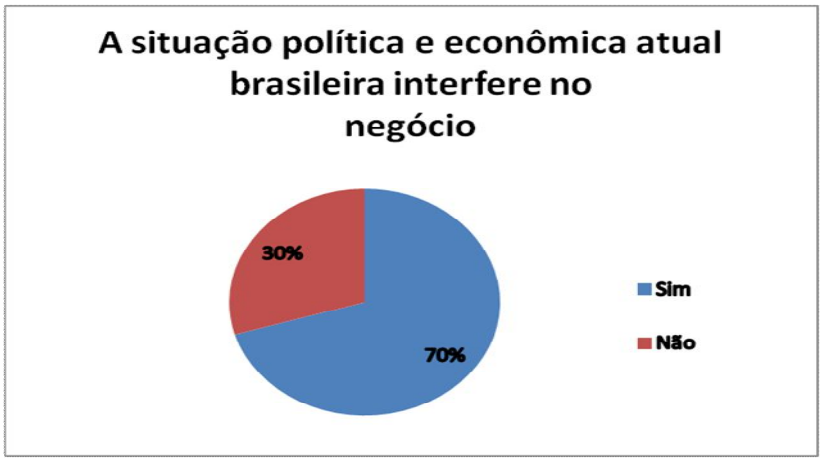
Seguindo os resultados apurados na referida pesquisa, no ano de 2016, possibilitou verificarmos como os empreendedores das comunidades em questão andaram perante aos investimentos de alto risco nos respectivos negócios nos últimos dois anos. Podemos dizer que mais da metade dos empreendedores dessas localidades nos últimos dois anos assumiram altos riscos para alavancar seus negócios o que demonstra que a crise não abalou estas comunidades na intensidade colocada na visão macro que a imprensa vinha passando para a população brasileira naquele ano.

Gráfico 11 – Buscam informações da atual situação política e econômica no Brasil para prevenir e proteger a integridade do negócio

Fonte: Dados da pesquisa (2016)

No que diz respeito ao gráfico 11, procuramos saber se os empreendedores do campo estudado estavam buscando informações da atual situação política e econômica do Brasil para prevenir e proteger a integridade do negócio. Constatamos que 69% dos entrevistados estão atentos e buscavam atualizar-se cada vez mais diante daquele momento delicado, a fim de estarem preparados para as possíveis turbulências em suas atividades empresariais. Em contrapartida, 31% dos participantes declaram não se atentar a esta questão e/ou sequer busca informações do que estava ocorrendo no país.

Gráfico 12 – A situação política e econômica atual brasileira interfere no negócio

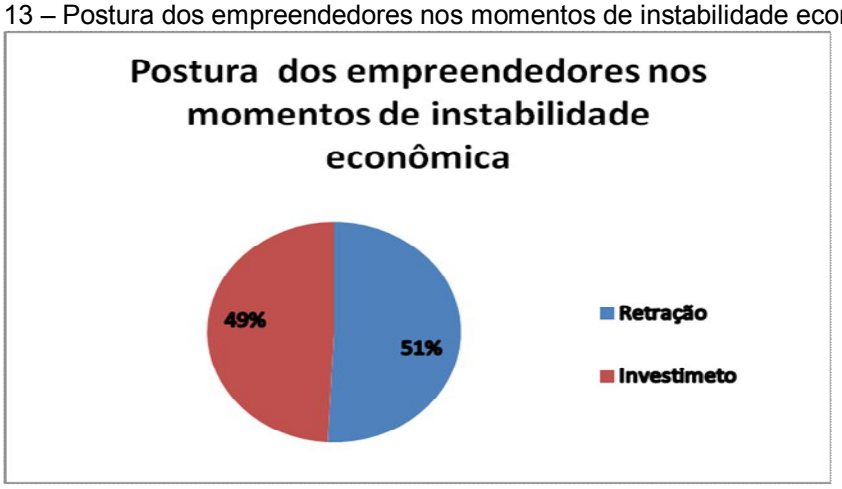


Fonte: Dados da pesquisa (2016)

Sobre as interferências da situação política e econômica do Brasil daquele ano, podemos observar que 70% dos empreendedores alegaram sofrer algum tipo de interferência em seus negócios e 30% declararam não sofrer nenhum impacto.

Constamos no gráfico 12 que no ano de 2016 a maior parte dos empreendedores daquelas comunidades estavam sofrendo reflexos do mau momento econômico e político do Brasil, 70% dos entrevistados alegaram estar sofrendo algum tipo de interferência nos seus negócios, devido à série de problemas que interferem na gestão dos empreendimentos pelas ações de nossos governantes. Os demais 30% declararam que o cenário de incertezas não estava afetando suas atividades. Mas quanto às questões de assumirem riscos demonstram ao contrário, procuram realizar investimentos de risco e na pergunta aberta os entrevistados apenas comentaram que estas interferências fizeram que os mesmos diminuíssem investimentos em logística e marketing.

Gráfico 13 – Postura dos empreendedores nos momentos de instabilidade econômica



Fonte: Dados da pesquisa (2016)

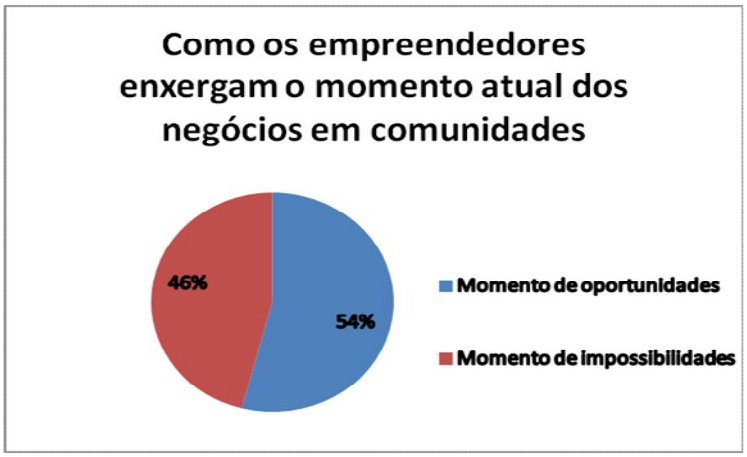
O gráfico 13 retrata em relação ao primeiro semestre de 2016, na qual a postura dos empreendedores diante momentos de instabilidade econômica. De modo bem equilibrado, 51% dos empreendedores responderam ser um momento de retração diante as incertezas do país, e outros 49% dos participantes acreditam ser um momento de investimentos.

Quanto à postura diante das instabilidades econômicas podemos dizer que diante do equilíbrio nas respostas dos empreendedores, constatamos que nas comunidades estudadas existiam uma grande diversidade de comportamentos empreendedores, o que nos mostraram empresários mais acomodados e outros com perfis visionários que mesmo diante das dificuldades eram corajosos, fizeram acontecer e através da inovação criaram oportunidades.

Procurando saber como os empreendedores das três comunidades em questão enxergavam o momento naquele ano dos negócios em comunidades, ao exibir o gráfico 14, novamente nos deparamos com opiniões muito equilibradas. No primeiro semestre de 2016, 54% dos empreendedores demonstraram estar otimistas ao dizer ser um momento de oportunidades nos

negócios em comunidades. Por outro lado, 46% dizem se um momento de impossibilidades.

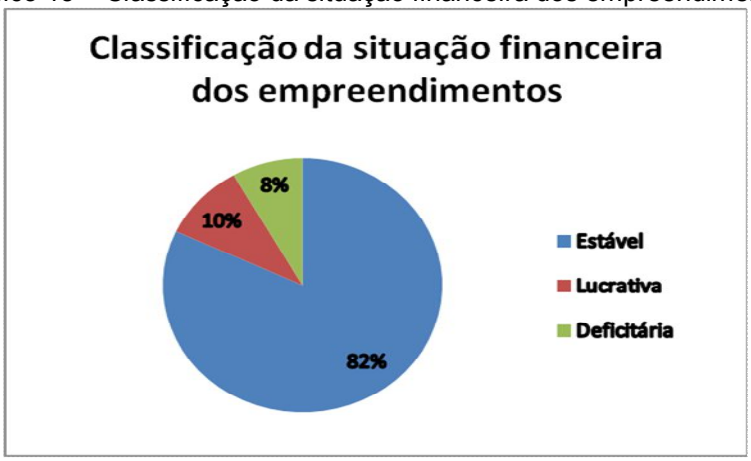
Gráfico 14 – Como os empreendedores enxergam o momento atual dos negócios em comunidades



Fonte: Dados da pesquisa (2016)

O cenário encontrado no quesito "situação financeira" foi que 82% de empreendedores classificaram que a situação financeira dos seus empreendimentos como estável, 10% alegaram estar lucrando e uma minoria de 8% diziam estarem atuando no vermelho.

Gráfico 15 – Classificação da situação financeira dos empreendimentos

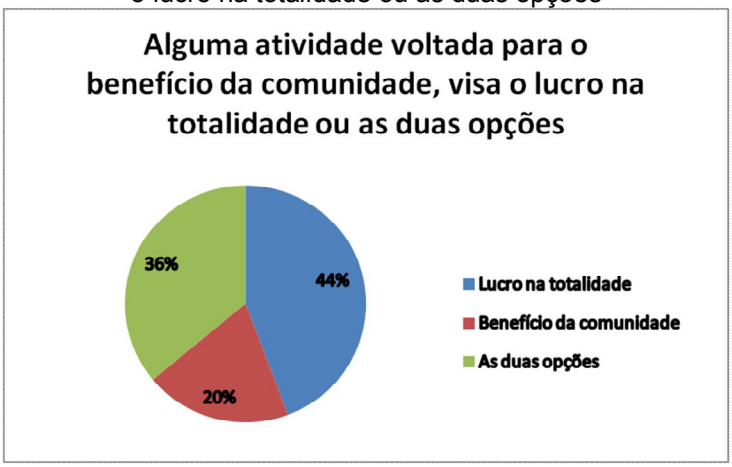


Fonte: Dados da pesquisa (2016)

Procuramos saber se os empreendedores em questão possuem alguma atividade voltada para o benefício da comunidade, se visavam o lucro

na totalidade ou as duas opções, este foi outro fator de nossa curiosidade nas localidades pesquisadas. Para tal 44% dos participantes trabalhavam para obter lucro na totalidade e se manter, a seguir, bem próximo, 36% dos empreendedores visavam o lucro na totalidade, e também, benefício da comunidade, e os 20% restantes conceituam-se a benefício da comunidade.

Gráfico 16 – Se o negócio tem alguma atividade voltada para o benefício da comunidade, visa o lucro na totalidade ou as duas opções



Fonte: Dados da pesquisa (2016)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teoria apresentada nos trouxe grandes reflexões que giram em torno das práticas empreendedoras. Podemos afirmar que o empreendedorismo possui um poder de transformação relevante, onde a inovação trazida pelo empreendedor viabiliza o desenvolvimento e crescimento econômico local.

No empreendedorismo social podemos destacar o grande compromisso com a sociedade. Essa modalidade de empreendedorismo, sem auferir lucro, busca suprir necessidades sociais como a educação, saúde, fome, cultura, arte, projetos sustentáveis e etc. Resumindo, os empreendedores sociais buscam a qualidade de vida da sociedade.

Quanto à economia solidária, destacamos o espírito de autogestão, cooperação, respeito ao próximo, e acima de tudo, cada indivíduo pensando no

bem comum. Contudo, podendo ser explorado através da produção auto gestionária como se submeter e se tornar funcional ao capitalismo.

Objetivando investigar como se encontra a situação financeira dos negócios nas comunidades estudadas diante o momento econômico e político instalado no Brasil. Os resultados apresentados se mostraram positivos, predominantemente os negócios praticados nas comunidades do Quitungo, Guaporé e Vila Pequeri no Rio de Janeiro se apresentaram sólidos.

Podemos dizer que as comunidades as quais foram objeto desse estudo, mesmo em meio a toda turbulência política e econômica daquele ano no País, possuíam um grande potencial econômico/financeiro, mesmo perante as situações difundidas pela mídia, nossa pesquisa, mostrou que a maioria dos empreendedores enxerga oportunidades de crescimento de seus negócios nas comunidades e apresentam uma postura de investimento.

Mesmo a maior parte dos empreendedores daquelas comunidades estarem sofrendo alguns reflexos do mau momento econômico e político do Brasil naquele ano, por exemplo, interferências fizeram que os mesmos diminuíssem investimentos em logística e marketing. Constatamos, então, que a crise política e econômica não influenciou no sucesso dos negócios, como ratifica a classificação da situação financeira dos empreendimentos, apesar de uma minoria se mostrar preocupada com a situação.

A última pergunta de nossa pesquisa teve a intenção de verificar a vertente predominante dos empreendedores locais e constatamos que os resultados mostraram que além dos empreendedores solidários que se apresentarem como minoria, as três comunidades possuem características de empreendedorismo tradicional, onde a figura do empreendedor aparece como um agente de mudança, ou seja, a chave para o desenvolvimento econômico.

REFERÊNCIAS

ALVES, Murilo Rodrigues. **Brasil é o primeiro em ranking de empreendedorismo**. Revista Exame, mar. 2015. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/pme/brasil-e-o-primeiro-em-ranking-de-empreendedorismo/>. Acesso em: 3 Mar. 2016.

ASHOKA EMPREENDEDORES SOCIAIS; MACKISEY E CIA. INC. **Empreendimentos sociais sustentáveis**. São Paulo: Peirópolis, 2001.
AVENI, Alessandro. **Empreendedorismo Social**. UEG – UnU Luziânia, 2010.

CASTRO, Roberto; Bronfman, Mario. **Algunos problemas no resueltosenlaintegración de métodos cualitativos y cuantitativosenlainvestigación social ensalud**. In: Trabalho apresentado no IV Congresso Latinoamericanode Ciências Sociais e Medicina. México, Cocoyoc: 1997.

CHIAVENATO, Idalberto. **Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor: empreendedorismo e viabilização de novas empresas: um guia eficiente para iniciar e tocar seu próprio negócio**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

CONSTABLE, Kimanzi. **The 5TypesofEntrepreneurs**. Entrepreneur, 30 Mar. 2015. Disponível em: <http://www.entrepreneur.com/article/244210>. Acesso em: 14 Mar. 2016.

CULTI, Maria Nezilda. **Economia solidária no Brasil – Tipologia dos empreendimentos econômicos solidários**. São Paulo: Todos os Bichos, 2010.

CURY, Anay; Caoli, Cristiane. **Inflação oficial é a maior para novembro desde 2002, diz IBGE**. G1, São Paulo, 9 Dez. 2015. Disponível em: < http://g1.globo.com/economia/noticia/2015/12/inflacao-oficial-fica-em-101-em-novembro-diz-ibge.html>. Acesso em: 4 Ago. 2018.

DOLABELA, Fernando. **Ética empreendedora: gerar valor positivo para a coletividade**. Instituto Millenium, 02 Ago. 2009. Disponível em: <http://www.institutomillenium.org.br/artigos/etica-empreendedora-gerar-valor-positivo-para-a-coletividade/>. Acesso em: 8 Mar. 2016.

DOLABELA, Fernando. **O segredo de Luísa**. 30. ed. rev. e atual. São Paulo: Editora de Cultura, 2006.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo na prática: mitos e verdades do empreendedor de sucesso**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo para Visionários: desenvolvendo negócios inovadores para um mundo em transformação**. 1. ed. Rio de Janeiro: Empreende / LTC, 2014.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócio**. 5. ed. Rio de Janeiro: Empreende / LTC, 2014.

DRAYTON, Bill. **Entrevista com Bill Drayton, pioneiro do Empreendedorismo Social**. Forbes, 30 Set. 2013. Disponível em: <http://brasil.ashoka.org/conceito-0>. Acesso em: 23 Mar. 2016.

DRUCKER, Peter Ferdinand. **Inovação e espírito empreendedor (entrepreneurship): prática e princípios**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2003.

ECOSOL. **Economia Solidária**. Disponível em: <http://www.ecosolbasebrasilia.com.br/index.php/economia-solidaria/videos/>. Acesso em: 25 Abr. 2016.

EIRIZ, Vasco. **A comunidade empreendedora**. Blog Empreender, 28 Abr. 2011. Disponível em: <http://www.eiriz.org/2011/04/empreendedorismo-comunitario.html>. Acesso em: 26 Mar. 2016.

Empresa de Pesquisa Energética - EPE. **Caracterização do Cenário Econômico para os próximos 10 anos (2015-2024)**. Rio de Janeiro, Ago. 2015. Disponível em: < http://www.epe.gov.br/sites-pt/publicacoes-dados-abertos/publicacoes/PublicacoesArquivos/publicacao-245/topico-264/DEA%2012-15%20NT%20Cenario%20economico%202015-2024vf[1].pdf>. Acesso em: 4 Ago. 2018.

FOLHA ECONOMIA E NEGÓCIOS. **Empreendedores por necessidade**. Folha de Londrina, Paraná, 29 Fev. 2016. Disponível em: <http://www.folhaweb.com.br/?id_folha=2-1--2431-20160229&tit=com+a+crise+brasileiros+empreendem+mais+por+necessidade>. Acesso em: 3 Mar. 2016.

Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES). **O que é Economia Solidária**. Disponível em: <http://cirandas.net/fbes/o-que-e-economia-solidaria>. Acesso em: 25 Abr. 2016.

FRAGA, Érica. **Brasil vive a segunda pior recessão de sua história**. Folha de S.Paulo, São Paulo, 31 ago. 2016. Disponível em: < https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/08/1808803-brasil-vive-a-segunda-pior-recessao-de-sua-historia.shtml>. Acesso em: 26 Jul. 2018.

FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL. **Empreendedorismo Solidário - Manual de capacitação da tecnologia social PAIS - Produção Agroecológica Integrada e Sustentável**. Brasília: Fundação Banco do Brasil, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JORNAL DO BRASIL. **Retrospectiva 2014: o cenário econômico do ano da Copa e das eleições**. 30 Dez. 2014. Disponível em: < http://www.jb.com.br/economia/noticias/2014/12/30/retrospectiva-2014-o-cenario-economico-do-ano-da-copa-e-das-eleicoes/>. Acesso em: 4 Ago. 2018.

LIMA, Luís. **Pior recessão da história complica retomada da economia brasileira**. Revista Época, mar. 2017. Disponível em: < https://epoca.globo.com/economia/noticia/2017/03/pior-recessao-da-historia-complica-retomada-da-economia-brasileira.html>. Acesso em: 26 Jul. 2018.

MELO NETO, Francisco P.de; FROES, César. **Empreendedorismo social: a transição para a sociedade sustentável**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.

MOTA, Ismael Bueno da. **Empreendedorismo nas comunidades: um estudo de caso nas localidades Quitungo, Guaporé e Vila Pequiri no bairro de Brás de Pina – Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2014. Originalmente apresentado como trabalho de conclusão de curso (TCC), Faculdade Reunidas da Asce, 2014.

OLIVEIRA, Edson Marques. **Empreendedorismo social no Brasil: fundamentos e estratégias**. Tese (Doutorado)-Universidade Estadual Paulista - Unesp, Franca,2004. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/gepec/article/view/317/233>. Acesso em: 25 Mar. 2016.

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro – IPP. **Bairros cariocas**. Disponível em: <http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairroscariocas/index_bairro.htm>. Acesso em: 06 Mai. 2016.

Relatório Global Entrepreneurship Monitor (GEM). **Empreendedorismo no Brasil 2015**. Disponível em: <http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/c6de907fe0574c8ccb36328e24b2412e/$File/5904.pdf>. Acesso em: 3 Mar. 2016.

SCHUMPETER, Joseph. **Capitalism, Socialism and Democracy**. New York: Harper, 1975.

SCHUMPETER, Joseph. **Capitalismo, Socialismo e Democracia**. Rio, Zahar, 1984.

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE. **Sobrevivência das Empresas no Brasil**. Brasília, out. 2016. Disponível em: < http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/sobrevivencia-das-empresas-no-brasil-relatorio-2016.pdf>. Acesso em: 27 Jul. 2018.

THOMSEN, Mogens; ANDERSEN, Henrik Mariendal. **4 tipos de empreendedores**. Thomsen Business Information. Disponível em: <http://www.dynamicbusinessplan.com/quatros-tipos-empreendedores>. Acesso em: 14 Mar. 2016.

VARANDA, Ana Paula de Moura; BOCAYUVA, Pedro Claúdio Cunca. **Tecnologia Social, Autogestão e Economia Solidária**. Rio de Janeiro: FASE | Ippur | Lastro | UFRJ, 2009.

VENÂNCIO, Albert. **Descubra quais são os 3 principais tipos de Empreendedorismo!**. Albert Venâncio Businessman, 07 Abr. 2015. Disponível em: <http://www.albertvenancio.com/#!Descubra-quais-s%C3%A3o-os-3-principais-tipos-de-Empreendedorismo/c1njr/5523c5d60cf21e26badc7491>. Acesso em: 11 Mar. 2016.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1998.